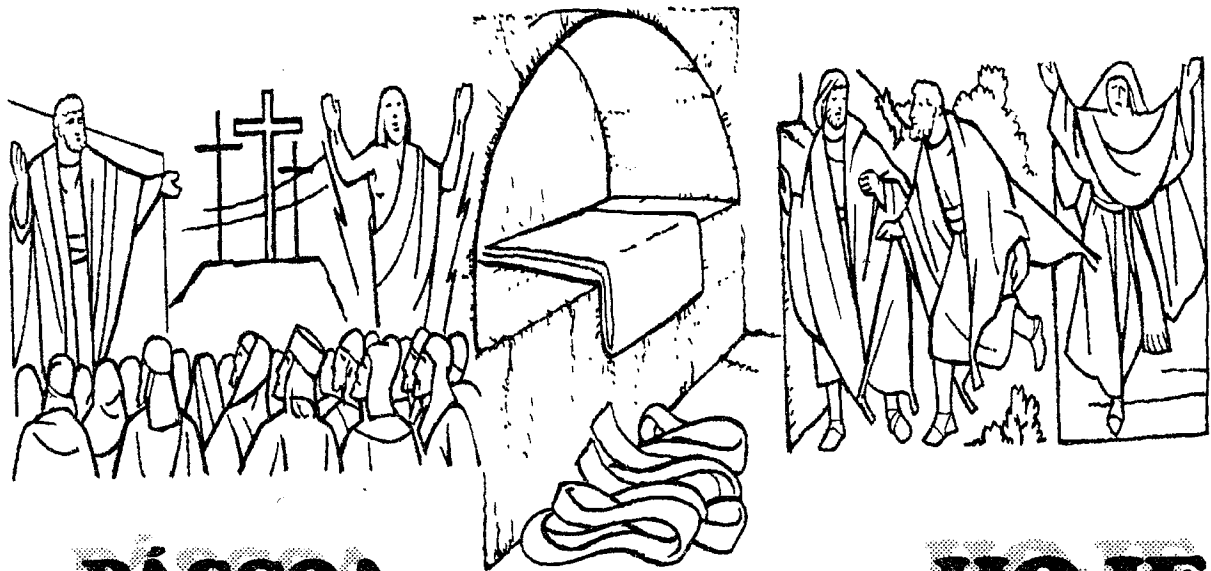


CM

Comunidade em Movimento

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Frei Ricardo Rainho, O. Carm. - ANO XI - II Série - Nº 92 - Abril de 2006



PÁSCOA

HOJE

ACONTECE

No Tríduo Pascal é quando mais expressamente aparece a presença do “naquele tempo” no “hoje”. Não estamos a celebrar apenas um “aniversário” (“numa primavera como esta, Cristo Jesus morreu e ressuscitou para nos salvar”), mas sim que hoje, aqui e agora para nós se realiza de novo um acontecimento salvador.

Em primeiro lugar, a Páscoa de Cristo torna-se presente neste ano porque continua a estar viva n’Ele, não terminou. Jesus, o Senhor Ressuscitado, ficou definitivamente na Sua Páscoa, na Sua entrega a Deus pela humanidade. Do mesmo modo que continua sendo a Palavra, a Luz e a Vida, é também e para sempre “entregue por”. O acontecimento pascal, Sua morte e ressurreição, perpetua-se vivamente n’Ele. E ao tornar-se presente na celebração, Ele próprio nos comunica o Seu acontecimento pascal como graça nova, cada ano.

Além disso, há uma segunda dimensão desta presença actual da Páscoa de Jesus: a *eclesial*. Jesus entregou-se na Páscoa como cabeça da nova humanidade. O que fez em Jerusalém não foi mais do que a inauguração da Páscoa, que ainda não terminou porque se está realizando agora no Seu Corpo, que é a Igreja, ou seja, em nós. O “Cristo total”, Cristo e a Sua Igreja, está vivendo agora, ano após ano, a Páscoa, que não ficará completa senão no fim dos tempos, actualizada pela energia pascal de Cristo e a acção poderosa do Espírito, que o levou a Ele e nos quer levar a nós da morte à vida, numa Páscoa que é sempre nova e poderosa.

DO DOMINGO DE Com Jesus, pelo

DOMINGO DE RAMOS

Aclamar os heróis e os grandes agitando ramos verdes que simbolizavam a imortalidade da sua glória era uma tradição oriental. Assim aconteceu no Domingo de Ramos. Por isso, na tradição cristã, um tapete de ramos ou uns ramos agitados simbolizam a homenagem prestada ao triunfador.

Para receber Cristo, no Domingo de Ramos, aquela multidão de Jerusalém, e particularmente as crianças hebraicas, serviram-se dos mesmos cânticos com que aclamavam a Yahveh na festa dos Tabernáculos: *"Senhor, salva-nos, ajuda-nos! Hossana! Bendito o que vem em nome do Senhor!"*

Movidas por Aquele que *"da boca das crianças e dos meninos de peitos faz brotar o louvor"*, aquelas crianças e toda aquela multidão, sem se darem conta, davam ao Hossana o seu autêntico e definitivo significado. O Hossana do Domingo de Ramos dirigido a Cristo: *"Hossana, o Filho de David"* era o reconhecimento do seu messianismo, do seu poder redentor, e uma acção de graças a Deus, porque, através do seu Filho, chegava definitivamente a salvação e a redenção para o povo, pelas quais tanto tinha rezado, clamando nos seus antigos Hossanas.

QUINTA-FEIRA SANTA

Pão e vinho

São os elementos naturais que Jesus toma para que não só simbolizem, mas também se convertam no seu Corpo e Sangue e o tornem presente no sacramento da Eucaristia. Jesus assume-os no contexto da ceia pascal, onde o pão ázimo da Páscoa judaica que celebrava com os seus apóstolos era uma referência a essa noite no Egipto em que não houve tempo para que o fermento levedasse a massa (Ex 12,8). O vinho é o novo sangue do Cordeiro sem defeitos que, posto na porta da casa, tinha evitado que os filhos dos israelitas morressem à passagem de Deus (Ex 12,5-7).

Os símbolos do pão e do vinho são próprios da Quinta-Feira Santa em que, durante a Missa vespertina da Ceia do Senhor, celebramos a instituição da Eucaristia, de que encontramos alusões e alegorias ao longo de toda a Escritura. A Eucaristia de Quinta-Feira Santa, celebrada por Jesus sobre a mesa-altar do Cenáculo, é a antecipação do seu Corpo e Sangue oferecidos à humanidade no "cálice" da cruz, sobre o "altar" do mundo.

O lava-pés

O Evangelho de João (13,1-20) é o único que nos relata este gesto simbólico de Jesus na última Ceia e antecipa o sentido mais profundo do "sem-sentido" da cruz. Um gesto pouco usual para um Mestre, próprio dos escravos, converte-se na síntese da sua mensagem e dá aos apóstolos o significado de tudo o que vai acontecer.

Numa sociedade onde as atitudes defensivas e as expressões de autonomia se multiplicam, Jesus humilha a nossa soberba e diz-nos que abraçar a cruz, hoje, é pôr-se ao serviço dos outros. É a grandeza dos que sabem tornar-se pequenos, a morte que leva à vida.

SEXTA-FEIRA SANTA

A cruz

A cruz foi, na época de Jesus, o instrumento de morte mais humilhante. Por isso, a imagem do Cristo crucificado converte-se em *"escândalo para os judeus e loucura para os pagãos"* (1 Cor 1, 23). Deve ter passado bastante tempo até que os cristãos se identificassem com esse símbolo e o assumissem como instrumento de salvação, entronizado nos templos e presidindo aos lares e habitações, dependurado no pescoço como expressão e fé.

Jesus convida-nos a segui-Lo, negando-nos a nós mesmos e tomando a cruz de cada dia. As coisas que mais nos custam e nos doem são expressões desse martírio quotidiano, mas podem ser iluminadas e vividas de outra maneira precisamente a partir da Sua cruz.

Só assim é que a cruz já não é um instrumento de morte, mas de vida e o "porquê a mim?", expressão de protesto diante de cada experiência dolorosa, é substituído pelo "quem sou eu?" de quem se sente demasiado pequeno e indigno para poder participar da Cruz de Cristo, inclusive nos pequenos atritos de cada dia.

A coroa de espinhos, o chicote, os cravos, a lança, a taça, a esponja com vinagre...

Estes "acessórios" da Paixão muitas vezes aparecem graficamente apoiados ou sobrepostos à cruz. São a expressão de todos os sofrimentos que, como peças de um quebra-cabeças, formaram o mosaico da Paixão de Jesus.

A Paixão revestiu-se dos três níveis de dor que o ser humano pode suportar: físico, psicológico e espiritual. A todos eles Jesus respondeu perdoadando e abandonando-se nas mãos do Pai.

VIGÍLIA PASCAL

Luz e fogo

Desde sempre, a luz existe em estreita ligação com a escuridão: na história pessoal ou social, a uma época sombria sucede uma época luminosa; na natureza, é das trevas da terra que brota para a luz uma nova planta, tal como a noite sucede ao dia. A luz também se associa ao conhecimento, quando se toma consciência de algo novo, perante a escuridão da ignorância.

Durante a primeira parte da Vigília Pascal, chamada "Lucernário", a fonte da luz é o fogo. Este, além de iluminar, queima e, ao queimar, purifica. Como o Sol com os seus raios, o fogo simboliza a acção fecundante, purificadora e

RAMOS À PÁScoa:

Caminho da Vida.

iluminadora. Por isso, na liturgia, os simbolismos da luz-chama e do iluminar-arder encontram-se quase sempre juntos. Entre todos os simbolismos derivados da luz e do fogo, o círio pascal é a expressão mais forte, porque reúne ambos.

Círio pascal

O círio pascal representa Cristo ressuscitado, vencedor das trevas e da morte, sol que não tem ocaso. Acende-se com o fogo novo, produzido na completa escuridão, porque na Páscoa tudo se renova; d'Ele se acendem todas as outras luzes.

As características da luz são descritas no Precônio Pascal e formam uma unidade indissolúvel com o anúncio da libertação pascal. O acender do círio é, portanto, um memorial da Páscoa. Durante todo o tempo pascal, o círio estará aceso para indicar a presença do Ressuscitado entre os seus seguidores. Qualquer luz que arda ou ilumine de modo natural terá um simbolismo derivado, pelo menos em parte, do círio pascal.

A Palavra

Esta noite, a comunidade cristã detém-se mais do que é habitual na proclamação da Palavra. Tanto o Antigo como o Novo Testamento falam de Cristo e iluminam a História da Salvação e o sentido dos sacramentos pascais. Há um diálogo entre Deus que fala ao seu Povo (as leituras) e o Povo que responde (Salmos e orações).

O Antigo Testamento *prepara a realidade do Novo Testamento*: o que era anunciado e se prometia cumpriu-se agora verdadeiramente. É importante sublinhar esta passagem para o Novo Testamento: o Missal indica neste momento diversos sinais, tais como o adorno do altar (luzes, flores), o canto de Glória e a aclamação de Aleluia antes do Evangelho. Também se ilumina de maneira mais plena da Igreja, já que durante as leituras do Antigo Testamento estava iluminada de um modo mais discreto.

É sobretudo o Evangelho, tomado de um dos três sinópticos, conforme o Ciclo, que há que destacar: o cumprimento de todas as profecias e figuras proclama a ressurreição do Senhor.

A água

Se bem que o rito do Baptismo esteja todo ele repleto de símbolos, a água é o elemento central, o símbolo por excelência. Em quase todas as religiões e culturas, a água possui um duplo significado: é fonte de vida e meio de purificação.

Desde os primeiros séculos do cristianismo, os cristãos adultos foram batizados numa espécie de piscina cheia de água que contava com duas escadas, descendo-se por uma e saindo-se pela outra. A imagem de "descer" às águas representava o momento de purificação dos pecados e estava associada à morte de Cristo. A saída, subindo pelo lado oposto, representava o renascer para a nova vida, como que saindo do ventre materno, e era associada à ressurreição. No centro fazia-se a profissão de fé pública. E isto significa que a água do baptismo não é algo "mágico" - como pensam muitos crentes - que protege ou transforma por si só, mas a expressão deste duplo compromisso: mudar a vida, morrendo para o pecado, e renovar a escala de valores, iluminados por Cristo, ressuscitados com Ele.

○ JESUS DA PÁScoa

No primeiro dia da semana, com as primeiras luzes da aurora, Jesus Ressuscitado aparecerá às mulheres que, chorando no sepulcro, pensam que alguém roubou o seu Senhor. Se o seu corpo glorioso não lhes permite reconhecê-Lo imediatamente, a doçura inconfundível da sua voz volta a expressar a compaixão de sempre: "*Mulher, porque choras? Quem procuras?*" (Jo 20, 15). E, ante a tentação da mulher para O deter, responderá com o desapego necessário para a missão que começa: "*Vai dizer aos meus irmãos...*" (Jo 20, 17).

A partir desse momento, à luz da Ressurreição, a Igreja celebrará, catequizará e anunciará o Senhor Jesus que, sendo embora de condição divina, "*não se apegou à sua igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a Si mesmo, assumindo a condição de servo e tomando-se semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem, humilhou-se a Si mesmo, tomando-se obediente até à morte, e morte de cruz! Por isso, Deus O exaltou grandemente, e Lhe deu o Nome que está acima de qualquer outro nome; para que, ao Nome de Jesus, se dobre todo o joelho no Céu, na Terra e sob a Terra; e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai*" (Fl 2, 6-11).

Através dos séculos, a genuína pregação da Igreja é a que foi fiel a este "kerigma", a este anúncio de Cristo crucificado; mas ao mesmo tempo ressuscitado pelo poder do Pai e constituído por Ele "*Senhor e Messias*" (cf. Act 2, 36). Devemos aceitar que durante muito tempo a pregação e piedade popular tenham posto o acento na morte, ocultando a Ressurreição de Jesus.

É oportuno, por isso, realçar que essa "espiritualidade da cruz" também deve "ressuscitar" à luz da Vida nova do Ressuscitado. Hoje é inconcebível uma espiritualidade obscurantista, centrada no valor da dor e da morte.

A Igreja está ao serviço da vida porque é o Corpo de Cristo, o Senhor da Vida. Desta forma, pretende tornar suas, em cada dia, as palavras de Jesus:

"Eu vim para que tenham Vida e a tenham em abundância" (Jo 10, 10).

SEMANA SANTA E PÁSCOA - 2006

HORÁRIOS DAS CELEBRAÇÕES

SÁBADO, 8 de Abril

- 17:00h > **Eucaristia Vespertina com Bênção dos Ramos – Torres da Bela Vista**
- 18:30h > **Eucaristia Vespertina com Bênção dos Ramos**

DOMINGO DE RAMOS, 9 de Abril

(Não haverá a missa das 10:15h)

- 09:00h > **Eucaristia com Bênção dos Ramos**
- 10:45h > **Bênção dos Ramos na Escola Primária, Francisco de Bulhões.
Procissão em direcção à Igreja (Av. Carlos de Andrade, Av. António Galvão de
Andrade, Av. Francisco P. Pacheco, Igreja Paroquial)**
- 11:30h > **Eucaristia**
- 18:30h > **Eucaristia com Bênção dos Ramos**

TERÇA-FEIRA, 11 de Abril

- 10:30h – 12:30h e 16:30 – 18h30h > **Confissões (Sacerdotes de fora da Paróquia)**
- 18:30h > **Eucaristia**

QUARTA-FEIRA, 12 de Abril

- 18:30h > **Eucaristia**

QUINTA-FEIRA, 13 de Abril

(Não haverá a missa das 18:30h)

- 10:00h > **Missa Crismal - Sé Patriarcal de Lisboa**
- 21:30h > **Eucaristia da Ceia do Senhor**
- > **Adoração Eucarística até às 24:00h.**

SEXTA-FEIRA, 14 de Abril

- 15:00h > **Via-Sacra - Entre as Torres da Bela Vista e a Igreja**
- > **Percursos: Torres da Bela Vista – Junto ao Centro Comercial Planalto, R. Abel
Teixeira Pinto, Av. António Sérgio, Praça Sá Carneiro (Rotunda Cidade Nova), Av. D.
Sebastião, Av. D. Luis de Menezes, Av. Carlos de Andrade, Av. Av. Marquês de
Marialva, Av. Francisco P. Pacheco, Igreja Paroquial.**
- 17:00h > **Liturgia da Paixão e Morte do Senhor**

SÁBADO, 15 de Abril

- 10:00h > **Oração de Laudes e União dos Catecúmenos**
- 21:30h > **VIGÍLIA PASCAL**

DOMINGO DE PÁSCOA, 16 de Abril

(Não haverá a missa das 09:00h)

- 10:15h > **Eucaristia**
- 11:30h > **Eucaristia**
- 18:30h > **Eucaristia**